

Naturalização dos abusos reflete machismo, afirmam especialistas sobre pesquisa Avon

(O Globo, 03/12/2014) Apesar de não serem exatamente novidade, já que corroboram resultados de pesquisas anteriores sobre o tema, as conclusões do levantamento “Violência contra a mulher: o jovem está ligado?” são preocupantes e exigem atenção da sociedade. É o que afirmam especialistas, que veem nas respostas registradas pelo Instituto Avon um reflexo dos valores machistas que marcam a sociedade brasileira.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Naturalização dos abusos reflete machismo, afirmam especialistas sobre pesquisa Avon \(O Globo, 03/12/2014\)](#)

3 em cada 4 jovens já foram assediadas ou agredidas por parceiro

(O Estado de S. Paulo, 03/12/2014) A pesquisa foi encomendada pelo Instituto Avon e entrevistou 2.046 mulheres e homens, entre 16 e 24 anos, das cinco regiões do País. Na primeira fase, os jovens se manifestaram espontaneamente sobre casos de violência, assédio e ameaça nos relacionamentos. Poucos admitiram que praticaram ou foram alvo desse tipo de ação: 4% dos homens e 8% das mulheres. Segundo o levantamento, o índice elevado de jovens que já foram atores ou vítimas de agressões tem relação com a família. A maioria já presenciou casos de violência entre os pais. Três em cada quatro mulheres jovens já foram assediadas ou agredidas

por companheiros no Brasil. Entre os homens, 66% afirmam que praticaram violência contra a parceira.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [3 em cada 4 jovens já foram assediadas ou agredidas por parceiro \(O Estado de S. Paulo, 03/12/2014\)](#)

Pesquisa retrata violência contra a mulher entre jovens no espaço virtual

(Agência Brasil, 03/12/2014) Os dados da pesquisa *Violência contra a Mulher: o Jovem Está Ligado?*, mostram que, por exigência do parceiro, 19% dos jovens já tiveram de excluir um amigo de uma rede social e 17% pararam de conversar com um amigo virtualmente. “Ainda não falamos do espaço virtual como um espaço reconhecível socialmente, de relacionamentos. Esse tipo de pesquisa nos permite perceber que esse é um espaço onde as relações estão se dando entre os jovens e os mesmos padrões que são dão na realidade se dão também no mundo virtual”, disse a representante da ONU Mulheres, Nadine Gasman.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Pesquisa retrata violência contra a mulher entre jovens no espaço virtual \(Agência Brasil, 03/12/2014\)](#)

Jacira Melo comenta pesquisa Avon/Data Popular sobre violência doméstica entre jovens

(Jornal Nacional, 03/12/2014) Quase 70% das jovens brasileiras afirmaram que já sofreram algum tipo de violência. Um conceito que hoje está muito mais abrangente. É o que mostra uma pesquisa que ouviu duas mil pessoas.

Assista aqui ao vídeo da matéria: [Jacira Melo comenta pesquisa Avon/Data Popular sobre violência doméstica entre jovens \(Jornal Nacional, 03/12/2014\)](#)

Entre o público jovem, a violência começa quando o outro invade o mesmo espaço.

“Infelizmente as pessoas ainda acham normal olhar o celular da esposa ou da namorada. Algumas práticas que antes eram naturalizadas e não eram consideradas violência passaram a ser enxergadas como um ato de violência”, afirma o presidente do Data Popular Renato Meirelles.

Leia também:

[48% dos jovens acham errado mulher sair sem o namorado, diz pesquisa](#)

A pesquisa Violência Contra a Mulher ouviu mais de duas mil pessoas, homens e mulheres entre 16 e 24 anos, pela internet. As mulheres foram questionadas sobre situações consideradas agressivas.

As cinco mais citadas foram: mexer no celular do parceiro; controlar com quem esteve; xingamento; impedir o uso de uma roupa; e proibir sair à noite. E 66% das mulheres disseram que já passaram por alguma situação dessas. E a maioria dos homens afirma ter praticado.

“As pessoas começam a perceber a violência de outro jeito, que isso começa aparecer mais nas pesquisas também. Então a gente percebe que a sociedade está mudando o que ela chama de violência e isso faz com que a gente tenha que mudar mesmo o nosso padrão de enfrentamento à violência”, aponta a

antropologia Heloisa Buarque de Almeida.

Outra agressão considerada pela pesquisa é a cantada. Oito em cada dez mulheres jovens disseram que já foram assediadas e já receberam a chamada cantada, aquela que passou do ponto.

“Ah, direto, passo em frente bar, outros lugares. Olha aí: acabou de passar um agora falando ‘gostosa’”, conta a vendedora Juliana Lemos.

E não é que ela tem razão? A gente foi atrás do Rodolfo para saber o porquê da abordagem assim, na cara dura.

“É hábito, é costume. O brasileiro ele fala mesmo, ele não pensa muito, acho que está atrelado à nossa cultura isso, essa cantada”, defende o astrólogo Rodolfo Moraes.

“Claro, é legal saber que tem alguém que te acha bonita. Mas não é tão legal a forma como ele abordou”, diz Juliana Lemos.

“Acho que você tem que ser educado, romântico e respeita-la”, afirma um homem.

Mas se o conceito de violência entre os jovens parece ter sido ampliado, o de sexualidade ainda tem muito caminho pela frente: 76% deles acham errado a mulher ter vários ficantes ou casinhos e 38% concordam que a mulher que faz sexo com vários parceiros não é para namorar.

“Quando a gente fala dessa violência nós estamos falando da cultura da violência masculina em relação às mulheres e que ela precisa ser debatida na sociedade porque é ela que enseja as violências sem limites”, explica a diretora do Instituto Patrícia Galvão Jacira Melo.

[Acesse no site de origem: Jacira Melo comenta pesquisa Avon/Data Popular sobre violência doméstica entre jovens \(Jornal Nacional, 03/12/2014\)](#)

3 em cada 5 mulheres jovens já sofreram violência em relacionamentos, aponta pesquisa

(Luciana Araújo / Agência Patrícia Galvão, 03/12/2014) Jovens percebem o machismo arraigado na sociedade, mas reproduzem ações e valores que reiteram as desigualdades de gênero e a violência doméstica contra a mulher.

Pesquisa realizada pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular mostra altos índices de naturalização da violência nos relacionamentos e uso do espaço virtual como ferramenta de controle entre os jovens. Para os entrevistados, a violência é mais associada a agressões físicas. Embora apenas 8% das mulheres admitam espontaneamente já terem sofrido violência do parceiro e só 4% dos rapazes reconheçam que já tiveram atitudes violentas contra parceiras, diante de exemplos de atos agressivos 55% dos homens declararam ter realizado tais práticas e 66% das mulheres afirmaram ter sido alvo de alguma das ações citadas no questionário por parte do parceiro. “Eles têm as respostas consideradas politicamente corretas na ponta da língua, mas a percepção do machismo não impede a reprodução de tais práticas”, destaca a diretora de pesquisas do Instituto Data Popular, Maíra Saruê, responsável pelo estudo, [cuja íntegra pode ser acessada aqui](#).



Percepção espontânea da violência (Fonte: Pesquisa “Violência contra a mulher: o jovem está ligado?” Data Popular/Instituto Avon)



Percepção da violência mediante apresentação de exemplos (Fonte: Pesquisa “Violência contra a mulher: o jovem está ligado?” Data Popular/Instituto Avon)

Um terço das mulheres já foi xingada ou impedida de usar determinada roupa, 40% declaram que o parceiro tentou controlá-las por meio de ligações telefônicas para saber onde e com quem estavam, e 53% das jovens já tiveram mensagens ou ligações no celular vasculhadas. Uma em cada três jovens também já foi proibida de conversar virtualmente com amigos, sofreu invasão da conta de alguma das redes sociais utilizadas e até mesmo amizades virtuais foram excluídas pelo parceiro.

Entre as mulheres, 51% também declaram compartilhar a senha do celular, 46% fazem o mesmo com a chave de acesso às contas de Facebook e 34% já repassaram os caracteres de identificação de seus e-mails pessoais em um relacionamento.

Leia também:

[Pesquisa mostra que 66% das mulheres foram vítimas de algum tipo de violência](#)

[Jornalista que teve fotos íntimas vazadas na web cria ONG para apoiar vítimas do problema](#)

[Naturalização dos abusos reflete machismo, afirmam especialistas sobre pesquisa Avon](#)

37% das jovens que responderam à pesquisa também afirmam ter tido relação sexual sem preservativo por insistência do parceiro, o que ajuda a explicar o crescimento da contaminação pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis entre jovens.

O fim da relação também é um momento crítico para as mulheres jovens. 51% já sofreram ameaças, foram seguidas pelo ex, ou este ficou enviando mensagens ou ainda espalhando boatos sobre a mulher. Quase metade das entrevistas declararam que tiveram que tomar alguma atitude para cortar contato com o ex, incluindo deixar de frequentar lugares onde iam regularmente, mudar o número do celular, parar de usar redes sociais e até mesmo mudar de telefone residencial ou endereço ou local de trabalho. Apenas 2% declaram ter registrado boletim de ocorrência.

A web como espaço para relacionamento, sexo e pornografia de vingança

A internet é vista pelos jovens como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de relacionamentos, inclusive experiências sexuais. Mais de 40% dos entrevistados já se relacionaram afetivamente com alguém que conheceu via web, e muitos já praticaram sexo virtual. Mas além de ser um espaço de aproximação, o ambiente virtual pode facilmente se converter em ferramenta para chantagens, ameaça ou invasão da privacidade com intenção de humilhar a vítima, especialmente contra as mulheres jovens. Os dados do

levantamento evidenciam o quanto essa prática tem se disseminado entre jovens. 28% dos homens ouvidos no estudo afirmam ter repassado imagens de mulheres nuas aparentemente produzidas sem autorização que receberam pelo celular, sejam elas fotos ou vídeos.

Integridade das mulheres segue ameaçada no espaço público

Passados mais de um século da luta pela emancipação das mulheres, o direito das mulheres ao espaço público continua sendo fortemente violado. 78% das entrevistadas já sofreram algum tipo de assédio nas ruas das cidades, em festas ou no transporte coletivo. Em 68% dos casos, as jovens declararam já ter recebido uma cantada que consideraram ofensiva, violenta ou desrespeitosa e 44% foram assediadas ou tiveram o corpo tocado em uma festa ou balada. Por seu lado, 24% dos homens admitem já terem feito cantadas que podem ser consideradas ofensivas, assediado mulheres em festas ou no transporte público, terem se aproveitado do fato de uma mulher estar alcoolizada para abordá-la ou tentar fazer fotos ou vídeos sem autorização.

Reprodução do ciclo da violência

Conforme já verificado em diversos estudos, a violência doméstica tem como um de seus efeitos a perpetuação de uma cultura de agressividade. De acordo com a pesquisa, 43% dos jovens presenciaram a mãe ser agredida por um parceiro masculino. E entre os que admitem ter praticado alguma forma de violência contra parceiras, 64% estavam no grupo de quem assistiu cenas de violência doméstica em casa. Já entre os que nunca presenciaram tais práticas, 47% admitem ter praticado ações agressivas.

Uma juventude com valores conservadores



O diretor do Data Popular, Renato Meirelles, apresenta a pesquisa.
(crédito: Luciana Araújo)

Embora 96% dos jovens aprovem a Lei Maria da Penha e percebam a existência do machismo no país, muitos parecem não se dar conta que reproduzem práticas sexistas e conservadoras. 68% consideram incorreto que uma mulher tenha relações sexuais no primeiro encontro e 48% avaliam que é errado a mulher sair com amigos, não importando o sexo, sem o namorado, marido ou ficante sério. Para 51% dos entrevistados a mulher deve ter a primeira relação sexual com um namorado sério e 48% e 38% avaliam que se a mulher tem relações sexuais com muitos homens não serve para namorar. Em relação ao vestuário feminino os dados se aproximam do que foi verificado na pesquisa divulgada pelo IPEA no ano passado: 1 em cada 4 jovens que participaram da pesquisa concordam que mulheres que usam decote e saia curta estão se oferecendo aos homens.

Todas as ações citadas na pesquisa são passíveis de enquadramento na Lei 11.340/2006. Para a secretária de enfrentamento à violência contra a mulher da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Aparecida Gonçalves, os dados “são muito importantes porque dão visibilidade a uma violência que acontece nas redes sociais por meio virtual. E se a violência doméstica contra a mulher, pelo fato de ocorrer na maioria das vezes entre quatro paredes, já é muito invisibilizada, essas práticas no meio virtual são ainda mais. A pesquisa também traz um novo elemento para a discussão, principalmente nos serviços especializados, sobre a importância de como proceder à investigação desses crimes, para que efetivamente sejam enquadrados na Lei Maria da

Penha. Precisamos qualificar a discussão sobre os crimes na internet na formulação das políticas públicas, nas delegacias, no Ministério Público, no Judiciário e em todos os órgãos que discutem e atuam contra a violência doméstica, para garantir a investigação e a punição”.

A pesquisa

O levantamento foi realizado pelo Instituto Data Popular em parceria com o Instituto Avon por meio de plataforma online de autopreenchimento, entre os dias 8 e 13 de novembro. 2046 jovens de 16 a 24 anos responderam ao questionário. A amostra é nacional, contemplando as cinco regiões do país, e a margem de erro é de dois pontos percentuais.

Os dados foram apresentados na manhã desta quarta-feira (3) durante o Fórum Fale sem Medo, promovido com a participação de especialistas, pesquisadoras, operadores do Direito, ativistas que atuam em defesa dos direitos das mulheres e representantes empresariais. A atividade fez parte das ações da empresa nos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher.

Gênero e Raça nas Eleições Presidenciais 2014

O Instituto Patrícia Galvão disponibiliza a série especial de análises **Gênero e Raça nas Eleições Presidenciais 2014: A força do voto de mulheres e negros**.

O trabalho reúne análises exclusivas da socióloga e especialista em pesquisa de opinião Fátima Pacheco Jordão sobre o comportamento eleitoral de mulheres e negros brasileiros, a partir de dados do Ibope.

Confira abaixo as edições lançadas:

[easyrotator]erc_88_1411754661[/easyrotator]

[Gênero e Raça nas Eleições nº 1 - 05/Setembro: Eleições presidenciais 2014: mulheres e negros serão decisivos](#)

[Gênero e Raça nas Eleições nº 2 - 18/Setembro: Pesquisas apontam que as mulheres vão definir esta eleição](#)

[Gênero e Raça nas Eleições nº 3 - 26/Setembro: Mulheres e negros sustentam vantagem de Dilma no primeiro turno](#)

[Gênero e Raça nas Eleições nº 4 - 02/Octubre: Queda de Marina é puxada por mulheres e brancos; Dilma mantém vantagem entre negros na reta final](#)

Mulheres moradoras de favelas movimentam R\$ 24 bi e demandam cidadania

*(Agência Patrícia Galvão, 05/08/2014) Nesta quinta (7), às 18h30, na Livraria da Vila do Shopping JK Iguatemi (SP), Renato Meirelles e Celso Athayde lançam **Um país chamado favela** (Gente Editora, 168 p.). O livro reúne os principais dados da maior pesquisa já realizada sobre a realidade das favelas brasileiras. O Instituto Patrícia Galvão participou do projeto buscando identificar quem são as mulheres que residem nessas comunidades. Os dados mostram a força política e econômica desse segmento da população e suas demandas por cidadania efetiva. No dia 14, o lançamento acontece no Rio de Janeiro, na Livraria da Travessa do Shopping Leblon.*

Hoje o Brasil tem cerca de 6 milhões de mulheres vivendo em favelas,

majoritariamente concentradas nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Em sua maioria elas são negras, casadas e mães, somam um montante de renda anual de R\$ 24 bilhões e chefiam 40% dos lares. Entre as que contam com trabalho remunerado, 44% têm emprego formal. E em dez anos dobrou a escolarização de nível médio dessas mulheres, saltando de 16% para 30%. No entanto, demandas básicas de políticas públicas que poderiam assegurar maior autonomia e cidadania a essas brasileiras ainda não foram atendidas. Mesmo o mercado parece não enxergar as necessidades e potencialidades desse segmento, realçando o preconceito historicamente sentido pelos que vivem nessas áreas.

Ainda de acordo com o estudo, a melhoria das condições de vida, possibilitada pelo aumento da média salarial em 54,7% desde 2003, leva a que 2 em cada 3 moradoras entrevistadas não desejem sair da comunidade onde vivem para morar em outro bairro. “Morar na favela não foi uma escolha, e sim uma necessidade. Mas embora ainda enfrentem preconceito e as dificuldades não tenham desaparecido, os moradores e moradoras tendem a avaliar o momento atual como marcado por dias melhores”, afirma o diretor do Data Popular Renato Meirelles.

51% conhecem uma mulher que sofreu agressão doméstica

Entre os entrevistados (homens e mulheres), 51% dos moradores de favelas afirmaram conhecer alguma mulher que já sofreu agressão de um atual ou ex-parceiro e 46% conhecem algum homem que já agrediu a parceira. Esses patamares são muito similares aos verificados em outras pesquisas de caráter nacional, não apontando desequilíbrio entre os índices de violência doméstica nas comunidades e fora delas.

Ainda no aspecto da violência, chama a atenção o fato de 20% dos moradores das favelas conhecerem ao menos uma mulher que já foi estuprada. O dado pode refletir o efeito dos laços de solidariedade ressaltados pelas mulheres durante a pesquisa, que favorecem a relação de confiança das vítimas para relatar o ocorrido a amigas e familiares. Entre as entrevistadas, 66% têm parentes morando na mesma localidade.

Hospitais, postos policiais, creches e serviços são principais

demandas

Mais de 87% dos entrevistados (homens e mulheres) relataram ter disponíveis serviços como saneamento básico, coleta de lixo, energia elétrica, posto de saúde, escola e transporte públicos na rua ou na favela onde moram. No entanto, 55% afirmaram não ter acesso a hospital público na comunidade, 50% relataram ausência de posto policial na favela e 32% mencionaram a falta de creches públicas.

Os números estão em consonância com a demanda dessas mulheres por autonomia econômica e segurança/proteção contra a violência, e evidenciam também forte demanda por cidadania.

“Tem crescido na sociedade brasileira como um todo o espaço ocupado pela mulher, e o número de mulheres chefes de família é maior nas favelas que no asfalto. Mas, elas ainda encontram um conjunto de dificuldades para conseguir desempenhar todos os papéis que têm. Temos 25% de mães solteiras nas favelas, por exemplo. E que tipo de políticas públicas temos para essas mulheres? Elas reclamam da ausência de creches, do transporte público que faz com que levem muito mais tempo para ir e voltar do trabalho. E, para falar de igualdade de gênero e do papel da mulher na sociedade, é preciso discutir o conjunto de políticas públicas de suporte à promoção dessa igualdade”, destaca Meirelles.

24% têm Bolsa Família e para 53% já faltou dinheiro para compra de alimentos

A pesquisa levantou ainda que 24% são beneficiários do Bolsa Família (recebem ou vivem no mesmo domicílio com alguém que recebe o benefício). Esse dado, associado ao índice de 44% de participação no mercado de trabalho, aponta no sentido oposto do senso comum que reputa ao programa um “incentivo à acomodação”. Entre as entrevistadas, 74% avaliaram que a vida melhorou no último ano e, dentre elas, a maioria absoluta credita essa melhora ao esforço próprio e à fé.

O índice de recebimento do Bolsa Família também demonstra que a vida na favela, apesar da melhoria das condições sociais, ainda é difícil - 53%

afirmaram já ter vivido o drama de não ter dinheiro para comprar alimentos.

O mercado não enxerga a favela

A pesquisa foi realizada com a perspectiva de mostrar como as favelas são também espaços de oportunidades. E os resultados revelam o que Renato Meirelles qualifica como “ignorância e desprezo” dos planejadores de negócios. A maioria dos moradores (homens e mulheres) relatou que só têm acesso à compra de vestuário, calçados e eletroeletrônicos fora da comunidade ou em bairros distantes de suas residências. “Tem muita gente morando nas favelas, pessoas que consomem roupas, serviços bancários e de turismo etc., e que exigem e necessitam do mesmo conforto e praticidade para adquirir que os moradores do asfalto. As empresas que souberem entender essa demanda têm muito mais chance de dar certo. Até porque, se é verdade que as mulheres estão mais no mercado de trabalho, não é verdade que os homens dividiram as tarefas domésticas com elas”, ressalta Renato.

A pesquisa

O levantamento quantitativo domiciliar foi realizado em parceria entre o Instituto Patrícia Galvão, o Data Popular e o Data Favela de 10 a 18/05/2013, em 100 municípios escolhidos através de sorteio amostral. Foram entrevistadas 1.501 pessoas maiores de 18 anos. Os dados receberam ponderação para as variáveis sexo, idade, PEA e região, segundo parâmetros obtidos na PNAD/IBGE para as áreas urbanas. A margem de erro é de 3 pontos percentuais para mais ou menos.

Sugestão de fonte

Renato Meirelles, diretor do Data Popular e do Data Favela

Ascom: (11) 3218.2222 / 2950.2849 / Ana Paula Soares
(ana@encasocomunicacao.com.br) / Luciana Silva
(luciana@encasocomunicacao.com.br)

Lançamentos do livro 'Um país chamado favela' - SP, 07/08/2014

No dia 7 de agosto, às 18h30 na Livraria da Vila do Shopping JK em São Paulo, e no dia 14 de agosto, às 19h na Livraria da Travessa do Shopping Leblon no Rio de Janeiro, Renato Meirelles e Celso Athayde lançam "Um país chamado Favela". O livro é o resultado da mais ampla pesquisa já realizada sobre as favelas brasileiras, mas não se resume apenas em números.

SAVE THE DATE

LANÇAMENTO DO LIVRO DE
RENATO MEIRELLES E CELSO ATHAYDE



UM PAÍS CHAMADO FAVELA

DATA: 07/08/2014

HORÁRIO: 18H30

LOCAL: LIVRARIA DA VILA
SHOPPING JK

ENDEREÇO: AV. PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK, 2041
ITAIM BIBI, SÃO PAULO - SP

Gente
EDITORA

[facebook.com/editoragentebr](https://www.facebook.com/editoragentebr)

Mulheres estão nove vezes mais sujeitas a serem vítimas de violência em casa do que na rua

(M de Mulher, 30/05/2014) Para que a mulher se desenvolva economicamente e possa assumir postos de maior importância em suas carreiras, é preciso que elas se libertem das amarras da violência, em especial a doméstica.

“No Brasil, é nove vezes mais perigoso para uma mulher estar dentro de casa do que fora”, afirmou Carlos Eduardo Zuma, um dos fundadores do Instituto Noos, especializado na dissolução pacífica de conflitos familiares, no Women’s Forum Brazil 2014. O evento que aconteceu entre os dias 26 e 27 de maio, em São Paulo, discutiu como lideranças femininas podem contribuir para uma economia próspera e inclusiva.

“É importante que estejamos discutindo isso agora. Nos anos 1980, por exemplo, a violência doméstica não era vista como uma questão social, era visto como algo privado. Lembrem da máxima:

“em briga de marido e mulher, não se mete a colher?”, completou Jacira de Melo, uma das fundadoras do grupo SOS Mulheres, na mesa que discutiu o assunto.

Os números da violência

Dados divulgados em uma pesquisa sobre violência contra a mulher, feita no fim de 2013 pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular, também foram apresentados no evento. Segundo o relatório, cerca de 41% dos brasileiros conhecem um homem que já foi violento com alguma parceira, mas apenas 12% dos homens assumem ter um perfil assim. Outro dado alarmante:

56% dos homens admitem ter cometido atitude que caracteriza violência. Entre os homens da classe alta, esse número é ainda maior: 59%.

Em relação à percepção que homens têm de comportamentos das mulheres, 85% acham que é inaceitável que a mulher fique bêbada, 69% acha um absurdo que elas saiam com os amigos sem os maridos e 46% acham que as mulheres não deveriam usar joias e roupas decotadas. “O machismo é algo muito arraigado em nossa cultura e a violência contra a mulher é a expressão mais brutal desse pensamento. Estamos falando de uma desigualdade muito forte. Ainda se educa homens e mulheres de uma forma muito diferente. Se fala o que é apropriado para o comportamento masculino e o que é inapropriado para o comportamento feminino”, afirmou Jacira.

Campanha ‘Eu Ligo 180’

No evento, a ministra Eleonora Menicucci, da Secretaria de Políticas para Mulheres, lançou a campanha do governo federal que prevê estimular denúncias contra casos de violência contra a mulher. Lançada como forma de implementar a Lei Maria da Penha, de 2006, em cidades pequenas, a campanha “Violência contra a mulher: Eu ligo” também prevê combater o turismo sexual, em especial em grandes eventos, como a Copa do Mundo. Segundo a ministra, os serviços do número 180 já atingiram mais de 70% dos brasileiros e municípios de no mínimo 10 mil habitantes.

Jacira de Melo defendeu a denúncia como forma de quebra do ciclo de violência. “Há três coisas que os homens agressores têm medo: a primeira é de que a empresa que ele trabalha fique sabendo que ele é violento; em segundo lugar, que a família fique sabendo; e, em terceiro lugar, que os filhos presenciem essa violência”, afirmou.

Ela ressaltou, no entanto, que a estrutura para que essa mulher denuncie também tem que ser melhorada. “Os serviços públicos ainda estão muito contaminados, as delegacias das mulheres não têm a estrutura necessária e há apenas 100 abrigos de recepção no Brasil todo para mulheres que decidem denunciar e têm que sair de casa”, disse.

Acesse o PDF: [Mulheres estão nove vezes mais sujeitas a serem vítimas de violência em casa do que na rua](#)

92% dos brasileiros acreditam que agressões frequentes contra a mulher podem terminar em assassinato

(Data Popular/Agência Patrícia Galvão, 14/04/2014) No estudo, no qual 1.500 pessoas foram ouvidas nas 5 regiões do país em maio de 2013, 88% dos entrevistados consideram que os assassinatos de mulheres por parceiros aumentaram nos últimos cinco anos, e 91% acreditam que, atualmente, esses crimes são mais cruéis e violentos

Sejam velados ou explícitos, os casos de violência doméstica contra a mulher brasileira mostram um cenário alarmante, que nos últimos dias ganhou mais notoriedade. Pesquisa realizada em maio do ano passado pelo Instituto Data Popular, em parceria com o Instituto Patrícia Galvão, mostra que 92% de homens e mulheres acreditam que as agressões contra a mulher, quando ocorrem frequentemente, podem terminar em assassinato. Os entrevistados também responderam à pergunta: mulher que apanha é porque provoca? O resultado mostrou que 65% discordaram da frase, 17% concordaram e os demais não se posicionaram.

No estudo, que capta a percepção de homens e mulheres sobre o cenário de violência doméstica no que diz respeito aos assassinatos de mulheres por seus parceiros ou ex-parceiros, 85% de homens e mulheres concordam que as mulheres que denunciam seus agressores correm mais riscos de serem assassinadas por eles. “A pesquisa mostra que a violência contra a mulher é uma questão que preocupa a população e que, na percepção dos entrevistados, vem crescendo. A maioria acredita que os crimes contra as mulheres aumentaram nos últimos cinco anos. É um cenário que precisa urgentemente ser revertido”, afirma Renato Meirelles, presidente do Instituto Data Popular.

Entre as principais razões para a mulher não se separar do agressor, 66% acreditam que a mulher tem vergonha de que outras pessoas saibam que ela sofre violência, enquanto 58% acham que a mulher tem medo de ser assassinada se terminar a relação. Para 43%, o fim do relacionamento é visto como o momento de maior risco à mulher que sofre agressão.

Na pesquisa, 88% dos entrevistados consideram que os assassinatos de mulheres por parceiros aumentaram nos últimos cinco anos, e 91% acreditam que, atualmente, os assassinatos de mulheres são mais cruéis e violentos.

Mais inseguras dentro de casa

Outro dado que chama a atenção é que metade da população considera que a mulher se sente mais insegura dentro de casa, sendo que a cada 10 brasileiros, sete acreditam que a mulher sofre mais violência no ambiente doméstico. A pesquisa mostra que 56% da população – ou seja, 67 milhões de pessoas – conhecem um homem que já agrediu uma parceira. Já 54% dos entrevistados declararam conhecer ao menos uma mulher que já foi vítima de violência do parceiro ou ex-parceiro. Para 69%, os casos de violência não ocorrem apenas em famílias pobres.

Para 86% dos homens e mulheres, quem ama não bate. Já 9% acham que bater na parceira não deveria ser considerado crime, enquanto 86% concordam que agressão contra a mulher deve ser denunciada à polícia. O levantamento mostra, ainda, que, quando o assunto é a busca por ajuda, 31% das mulheres conhecem uma mulher que já utilizou algum serviço de apoio,

sendo que 97% indicariam a segurança pública como serviço de apoio às mulheres vítimas de violência doméstica.

Também para 86% dos entrevistados, as mulheres passaram a denunciar mais os casos de violência doméstica após a Lei Maria da Penha, mas a metade da população ainda considera que o modo como a Justiça pune esses casos não é eficiente para reduzir essa violência.

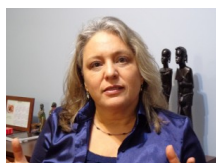
Acesse [aqui](#) a íntegra da pesquisa, realizada para a [Campanha Compromisso e Atitude pela Lei Maria da Penha](#).

Sugestões de fontes



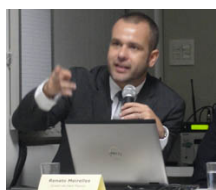
Fátima Pacheco Jordão

Socióloga especialista em pesquisas de opinião
fpjordao@uol.com.br
(11) 96063.5445 / 3824.0695



Jacira Melo

Diretora executiva do Instituto Patrícia Galvão
jaciramel@uol.com.br
(11) 3262.2452 / 3266.5434 / 97619.9076 (Ascom)



Renato Meirelles

Diretor do Data Popular
Ascom: (11) 3218.2222/ 2950.2849

Jornalistas Responsáveis: Ana Paula Soares
(ana@encasocomunicacao.com.br) e Luciana Silva
(luciana@encasocomunicacao.com.br)